

Cloé¹: de cegos na cidade à cidade de invisíveis.²

Cloé: of blind people in the city to invisibles's city.

GUIMARÃES, Natanael Andrade.³

BARBIERI, Maria Júlia⁴

RESUMO

É fato que a cidade é um sistema complexo de comunicação. O quadro visual que a cidade apresenta ao observador é uma infinita repetição de reproduções. Isso condiciona o mesmo a um estado de “transe cotidiano”, que acostumado à imagem da cidade imposta por meio de seu juízo, torna-se cego na cidade. O objetivo deste estudo é discutir e interpretar a questão da percepção e olhar do observador na cidade, desde sua condição de cegueira até o olhar que enxerga o que está invisível na paisagem; e discutir o papel da arquitetura como contribuinte ou interventora desse transe cotidiano.

Palavras-chave

Imagem da cidade; transe cotidiano; o olhar; o olhar do estrangeiro; percepção

¹ Cloé é uma das cidades invisíveis de Italo Calvino (1990), uma cidade grande, onde as pessoas passam umas pelas outras e não se reconhecem, porém quando elas se veem imaginam mil coisas umas das outras.

² Artigo científico apresentado como primeira parte do trabalho final de graduação em Arquitetura e Urbanismo – Unifev 2012.

³ Autor do trabalho, graduando em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário de Votuporanga – Unifev.

⁴ Orientadora do trabalho, Arqta. Mestre em Comunicação e coordenadora do curso de Arquitetura e Urbanismo – Unifev.

Abstract

It is a fact that the city is a complex system of communication. The visual picture that the city presents to the observer is an infinite repetition of reproductions. This conditions this one to a state of “settle daily”, that accustomed to the image of the city imposed by means of its judgment, one becomes blind in the city. The objective of this study is to discuss and interpret the question of perception and the sight of the observer in the city, since its condition of blindness until the sight that view what it is invisible in the landscape; and to argue the paper of the architecture as contributing or intervening of this “settle daily”.

Keywords

Image of the city; settle daily; the look; the sight of the foreigner; perception.

Introdução

“Cloé: de cegos na cidade à cidade de invisíveis” propõe uma análise sobre a paisagem atual da cidade, e como o cotidiano torna seus habitantes cegos em meio a tantos signos e informações que ela apresenta ao observador. O objetivo principal é compreender as distintas visualidades propostas pelo meio, a fim de quebrar a barreira de cegueira imposta pelas reproduções cotidianas e enxergar através do que a imagem da cidade mostra; o que está invisível.

O presente artigo discute num primeiro momento a imagem da cidade sob o ponto de vista da semiose visual construídas pelo percepto e juízo perceptivo, que correspondem a um olhar passivo ou ativo sobre as cidades. Em segundo momento analisa a condição de cegueira na cidade contemporânea ocasionada pelo “transe cotidiano” a partir do olhar simbólico do observador, e como este pode ser quebrado. Em seguida trata a questão do “olhar do estrangeiro”, como define

Peixoto (1989), o olhar que conhece e a visão através dos sentidos, que vê o invisível. Por fim, discute o papel da arquitetura enquanto dispositivo que automatiza a visão e também “contradispositivo” que produz novas possibilidades do olhar.

1. A imagem da cidade.

A imagem da cidade é uma cidade de imagens. Pura e inteiramente informação visual. Isso acontece de forma tão sobrecarregada, que se torna agressiva ao observador, que aos poucos vai perdendo a capacidade de visão enquanto percepção por meio do conhecimento, registro e estranhamento, tornando-o “cego”, como ensina Peixoto (1996).

“A metrópole é o paradigma da saturação. Contemplá-la leva à cegueira. Um olhar não pode mais ver, colado contra o muro, deslocando-se pela sua superfície, submerso em seus despojos. Visão sem olhar, tátil, ocupada com materiais, debatendo-se com o peso e a inércia das coisas. Olhos que não vêem.” (PEIXOTO 1996, p149.)

A avalanche de signos descarregada sobre o observador deixa-o em estado de transe, fazendo com que se perca a capacidade de percepção da cidade que não se descortina aos seus olhos, nem é explícita, mas que está ali o tempo todo, em constante mudança. São imagens invisíveis.

2. A imagem e o olhar.

Toda matéria projetada na retina e impressa no córtex visual, através de um conjunto perfeito de luz, matéria, órgãos visuais e sistema nervoso; é chamada de imagem. Dessa forma tudo que é provido de luz é imagem, e é por isso que os estudiosos da percepção afirmam que a maior parte das informações recebidas pelos seres humanos, principalmente pelo

homem pós-moderno se dão através da imagem. “O homem de hoje é um ser predominantemente visual” diz Bosi (1989), e isso é inegável.

Se a visão é o principal sentido estimulado pela cultura contemporânea é preciso compreender melhor como se dá essa percepção do meio, no caso desse estudo, da cidade - por meio da imagem.

O Dic. Aurélio traz as seguintes definições:

“Enxergar –1. Ver a custo; entrever. 2. Descortinar, avistar. 3. Notar, perceber. 4. Pressentir. *tdi*. 5. Enxergar (3 e 4). *transobj*. 6. Julgar, considerar.

“Olhar – 1. Fitar os olhos ou a vista (em); mirar. 2. Atentar ou reparar em. 3. Tomar conta (de). 4. Zelar por. *int*. 5. Exercer ou aplicar o sentido de vista. 6. Ver-se, encarar-se. 7. Ver-se mutuamente. 8. Ação, expressão ao modo de olhar.”

“Ver – 1. Perceber ou conhecer pela visão. 2. Avistar (1). 3. Assistir a. 4. Presenciar, testemunhar. 5. Encontrar-se com. 6. Reconhecer, compreender. 7. Examinar. 8. Observar, notar. 9. Deduzir, concluir. 10. Reparar em. 11. Investigar, examinar. 12. Visitar (1). 13. Calcular, avaliar. *transobj*. 14. Perceber, sentir, considerar. 15. Enxergar. 16. Perceber coisas pelo sentido da visão. *p*. 17. Mirar-se. 18. Reconhecer-se. 19. Achar-se em certo estado ou lugar. 20. Encontrar-se mutuamente.”

Porém, essas definições se tornam confusas na medida em que vários autores tratam cada uma com um significado diferente.

Um uma boa definição do olhar é a do pensamento antigo dos gregos e romanos, onde eles separam as duas dimensões do olhar: o olhar perceptivo e o olhar ativo, que Bosi (1989) trata o primeiro como ver-por-ver, onde não há intencionalidade de olhar, pois é automático e acontece a partir do momento que você está com os olhos abertos, e trata o segundo como o ver que é resultado do olhar ativo, que busca enxergar determinado corpo ou detalhe. E ressalta que ver-por-ver não é ver-depois-de-olhar, porque o primeiro é instantâneo e instintivo. Segundo o autor, o primeiro possui uma vertente materialista, mais sensualista do ver como receber, enquanto a vertente do segundo é mentalista, trata o ver como buscar conhecimento, ajuizamento da visão.

Ainda de acordo com Bosi (1989), em relação à teoria de Epicuro⁵; entretanto para o epicurismo, trata-se de uma percepção “mais livre” do que necessariamente passiva, ou seja, um olhar que não passou pelo crivo da consciência e, portanto consegue ver além de...; os olhos recebem de forma passiva, desde que estejam abertos: cores, formas, tamanhos, movimentos, figuras; goste o espectador ou não. Essa recepção que vem de encontro aos sentidos humanos, ele nomeia como conhecimento. “Conhecer⁶ é ser invadido e habitado pelas imagens errantes de um cosmo luminoso” cita Bosi (1989), ele diz que para conhecer só é preciso que se abram os olhos em um lugar iluminado e receba os ícones do mundo, para o olhar receptor as imagens são puras e livres significado. Esse é o olhar passivo, é conhecimento e desconhece tudo que é simbólico, é puro percepto como trata a semiótica pierciana.

Santaella ao estudar percepto afirma que:

“[...] aquilo que aparece e se força sobre nós, brutalmente, no sentido de que não é guiado pela razão. Não tem generalidade. É físico, no sentido de que é não-psíquico, não cognitivo,[...]. É um acontecimento singular que se realiza aqui e agora, portanto é irrepetível. [...]. Percepto etimologicamente tem o significado de apoderar-se, recolher, tomar, apanhar, ou seja, alguma coisa, que não pertence ao eu, é tomada de fora. É algo compulsivo, teimoso, insistente, chama a nossa atenção. Algo que se apresenta por conta própria e, por isso, tem força própria.” (SANTAELLA 1998, p.91.)

Lucrécia Ferrara define como:

“O percepto não agride ou estimula a percepção, daí ser uma fala ausente: “o percepto é completamente mudo”, diz C. S. Pierce. É uma imagem que se apresenta imediatamente na sensação de sua materialidade e sob o impacto do atrito polissensorial, sem nos permitir o conhecimento ou a consciência do modo pela qual ele se constrói. Essa imagem de sensações vivas, totais e singulares é unidimensional e arbitrária, visto não permitir qualquer liberdade de interpretação do seu sentido, do seu valor manifesto: ante a proposta de tirar fotografias sobre o seu transporte urbano, o usuário fotografa o próprio veículo, o ônibus, o automóvel, a bicicleta. O percepto é um ato automático, não cabe propriamente a consciência, mas apenas

⁵ Epicuro de Samos, filósofo grego do período helenístico. Seu pensamento foi muito difundido e numerosos centros epicuristas se desenvolveram na Jônia, no Egito e, a partir do século I. O pensamento epicurista acredita que o maior bem é a procura de prazeres moderados de forma a atingir um estado de tranquilidade e de libertação do medo, assim como a ausência de sofrimento corporal através do conhecimento do funcionamento do mundo e da limitação dos desejos. Acredita que combinação desses dois estados constitui a felicidade na sua forma mais elevada.

⁶ Trata-se de um conhecimento iminente e não transcendente como no platonismo.

o registro do receptor. Uma espécie de percepção passiva, próxima do hábito de perceber espontâneo e incontrolável”. (FERRARA 1993, p.107.)

Em ambas as definições, é possível constatar que o olhar enquanto passivo ou percepto, é indefinido, é dinâmico, momentâneo, é impressão de sentido, e por não possuir significação é obscuro. Por ser assim, essa percepção nunca erra, ou como diz Santaella, é infalível. Porque ele não interpreta, apenas registra. Bosi (1989) cita um trecho traduzido de Lucrécio⁷ “[...] os olhos não podem conhecer as leis da natureza; por isso, não queiras atribuir à vista o erro do espírito”.

Porém, sendo o olho, único órgão capaz de reconhecer a matéria, já não é mais capaz de ver a estrutura, diz Bosi (1989), portanto é preciso imaginá-la. O olhar se torna científico e poético, um olhar ativo, que questiona, descreve, nomeia, qualifica, impõe signo. Da Vinci diz “O olho, janela da alma, é o principal órgão pelo qual o entendimento pode obter a mais completa e magnífica visão dos trabalhos infinitos da natureza”. O olho percebe o meio, assim como o conhecimento percebe o mundo por meio do olhar.

Esse olhar que qualifica, questiona, que faz ver, faz juízo e interpreta, é ativo. A teoria pierceana chama de juízo perceptivo. Ele possui um papel cognitivo na percepção. Um trecho do livro “A percepção” de Santaella (1998) pode exemplificar o juízo perceptivo:

““A porta é branca”. O objeto dessa proposição comum é o fato perceptivo de eu ter olhado para a porta e reconhece-la como branca. Mas isso está ligado a outros fatos perceptivos que me fizeram reconhecer de que se trata de uma porta, então que a porta está aberta, e assim por diante. Daí se pode afirmar que o objeto dessa proposição é uma generalização de fatos perceptivos. “Ora” continua Pierce, “esses fatos perceptivos são, eles próprios, representantes abstratos através de intermediários que não nos são precisamente conhecidos através dos perceptos.” (SANTAELLA 1998, p.88.)

Nesse trecho, especificamente na parte que diz “Mas isso está ligado a outros fatos perceptivos que me fizeram reconhecer de que se trata de uma porta, então que a porta está aberta, e assim por diante” o que Santaella quis dizer é que o signo desse objeto e o juízo que se fez dele é que tornou possível reconhece-lo como uma porta e que ela estava aberta.

⁷ Titus Lucretius Carus (Tito Lucrécio Caro), poeta e filósofo. Maior divulgador do pensamento epicurista.

A definição de juízo perceptivo para Lucrécia Ferrara é:

“[...] é uma percepção ativa que depende da consciência do receptor. Opera ativamente sobre o percepto, na medida que, lhe impõe uma diversificação de aspectos que se valorizam no conhecimento, porque começam a significar mais. No percepto registra-se o índice do objeto, uma cor, um cheiro, já no juízo perceptivo a qualidade do objeto passa a ser elemento que o distingue entre outros da mesma espécie e pelo qual ele assume um valor distinto para quem percebe. Esse valor é uma operação perceptiva mais complexa, estimula a atividade do receptor, e a seleção da experiência é a marca desse convite.” (FERRARA 1993, p.107.)

A partir dessas definições é possível perceber que o juízo perceptivo se dá a partir daquilo que já é definido, ele é simbólico; diferente do percepto que é obscuro; o juízo perceptivo é claro, porque aqui o observador não conhece algo novo, reconhece algo que já possui uma significação e apenas o qualifica. É cognitivo, portanto é passível de erros, porque contém elementos hipotéticos. O juízo perceptivo não existe sem o percepto, este é objeto dinâmico que se faz por meio da interação corpo-a-corpo e que desempenha o papel físico da percepção, ele vai determinar o julgamento da percepção e a natureza de um signo. Dessa forma, o percepto se torna juízo perceptivo.

3. O transe cotidiano.

Peixoto (1996) diz que “Vivemos no universo da sobreexposição e da obscenidade, saturado de clichês, onde a banalização e a descartabilidade das coisas e imagens foi levada ao extremo”. A paisagem urbana está poluída de signos, hoje vive-se em um mundo onde nada é novo, tudo passa a ser reprodução. Isso acontece a partir do nascimento. Um ser que nasce é desprovido desse olhar simbólico, olhar que vai conhecendo o novo mundo, porém a cidade o corrompe através de signos, até nada mais ser novo, apenas reproduções do que já existe.

“O cotidiano se desenrola aos olhos como um filme já visto. As cenas se repetem aos olhos do morador da cidade, que segue seu ritmo de trabalho pela cidade. No cotidiano as ações se repetem num ritmo mecânico. À rapidez cada vez maior, contrapõe-se uma lentidão na percepção.” (RIBEIRO 2009, p. 186.)

As cenas se repetem, porém não são as mesmas. Acontece que a quantidade de informação visual lançada sobre observador é tão grande que ele apenas vê automaticamente, pois já possui um juízo daquilo que viu. Portanto deixa passar despercebidos, novos detalhes que tornam essa cena diferente, pelo simples fato de utilizar apenas seu juízo perceptivo e deixar de lado o percepto. Com isso, o observador se acostuma a ver tudo com o mesmo olhar simbólico.

O observador pode até achar que não possui esse olhar simbólico, porém isso pode ser comprovado se ao pedi-lo então que mostre através de fotografias, a imagem da casa, da escola, do parque, e da praça que ele vê, e ele apresentar fotografias clichês como essas, por exemplo:



Imagem 1: Praça



Imagem 2: Igreja



Imagem 3: Casa



Imagem 4: Escola



Imagem 5: Parque



Imagem 6: Auto posto

Essas imagens não passam de representações simbólicas daquilo que são na realidade. São imagens como essas que o observador vê por meio do juízo perceptivo.

A partir disso, se multiplicar essas representações simbólicas na escala da cidade e somar com a quantidade de informação visual e virtual, vindas por meio da publicidade urbana e tecnologias portáteis, o resultado final será uma incalculável quantidade de representações lançadas sobre esse observador. “Para cada imagem que nos chama a atenção na cidade, deixamos de ver pessoas. Não é o outro que me interessa na cidade, e sim sua representação.” Afirma Ribeiro (2009).

A atitude do observador que vive nesse transe cotidiano é a atitude *blasè* definida por Simmel (1976) que Ribeiro (2009) cita em seu artigo.

“A essência da atitude *blasè* consiste no embotamento do poder de discriminar. Isto não significa que os objetos não sejam percebidos, [...] mas antes que o significado e valores diferenciais das coisas, e daí as próprias coisas são experimentados

como destituídos de substância. Elas aparecem à pessoa blasé num tom uniformemente plano e fosco. Objeto algum merece preferência sobre o outro.” (SIMMEL 1976 in RIBEIRO 2009, p.186)

O transe cotidiano é quebrado quando a rotina do observador é alterada, através de acontecimentos imprevistos, que despertam o estranhamento e conseqüentemente a percepção passiva do mesmo. Chklóvski (1916) conceitua estranhamento como uma desautomatização da percepção, Lucrécia Ferrara (1981) explicando Chklóvski (1916) diz:

“Para poder interferir na realidade é necessário reconhece-la, mas como processar esse reconhecimento se a realidade se tornou rotina, hábito familiar. Há necessidade de produzir-se uma interferência que permita ver à distância, isto é, longe de condicionamentos. A essa interferência se dá em Chklóvski, o nome de distanciamento ou estranhamento.”

Assim o observador deixa a condição de cegueira, imposta por seu olhar simbólico e passa a fazer uso do seu olhar estrangeiro. Como um viajante que estranha à paisagem até então desconhecida, e vai conhecendo aos poucos através da percepção e da imagem do que as coisas realmente são.

4. O olhar estrangeiro e o olhar cego

“[...] Agora contarei como é feita Otávia, cidade-teia-de-aranha. Existe um precipício no meio de duas montanhas escarpadas: a cidade fica no vazio, ligada aos dois cumes por fios e correntes e passarelas. Caminha-se em trilhos de madeira atentando para não enfiar o pé nos intervalos, ou agarra-se aos fios de cânhamo. Abaixo não há nada por centenas de metros: passam algumas nuvens; mas abaixo, entrevê-se o fundo do desfiladeiro. Essa é a base da cidade: uma rede que serve de passagem e sustentáculo. Todo o resto, em vez de se elevar, está pendurado para baixo: escadas de corda, redes, casas em forma de saco, varais, terraços com forma de navetas, odres de água, bicos de gás, assadeiras, cestos pendurados com barbantes, monta-cargas, chuveiros, trapézios e anéis para jogos, teleféricos, lampadários, vasos com planta de folhagem pendente.” (CALVINO 1990, p. 71.)

O viajante, personagem fabulário de Calvino (1990), relata como são as terras distantes por onde explorou. Por meio da narração ele apresenta a verdadeira imagem da cidade, pois narra àquilo que está vendo, e era até então desconhecido. Peixoto (1989) define este como “o olhar do estrangeiro”.

“[...] aquele que não é do lugar, que acabou de chegar é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem mais perceber. Ele resgata o significado que tinha aquela mitologia. Ele é capaz de olhar as coisas como se fosse a primeira vez e de viver

histórias originais. Todo um programa se delineia aí: livrar a paisagem da representação que se faz dela, retratar sem pensar em nada já visto antes. Contar histórias simples, respeitando os detalhes, deixando as coisas aparecerem como são.” (PEIXOTO 1989, p.363.)

Esse olhar, livre de juízo causa estranheza ao observador, e por isso, ele só pode relatar o que está vendo, como se estivesse observando no exato momento. Daí é possível afirmar que esse olhar é percepto, como trata a semiótica pierciana. Aquele olhar dinâmico, um olhar à deriva, que busca conhecer e para isso faz uso da imaginação do observador.

“ A inesgotável imaginação do recém-chegado, atraído por tudo aquilo que nunca havia visto, lança mão de todos os recursos possíveis para construir sua cenografia.[...] É por isso que o estrangeiro, incapaz de reconhecer o que essas estátuas significam, pode ter acesso ao rosto interior das cidades, não estampado nos mapas nem esculpido nos monumentos. Sensível aos acenos sutis – luzes, nomes, barulhos – que as cidades fazem para nós, ele pode desvendar os seus segredos, o seu mistério. Os mais inusitados recursos, retirados diretamente do arsenal do explorador tropical, nos conduzem pelas cidades estrangeiras. O viajante – aquele que persegue, como se estivesse caçando borboletas, os sons dos lugares – é a figura emblemática desse paisagismo urbano”. (PEIXOTO 1996, p. 24, p.26)

O olhar estrangeiro é um olhar tátil, vê o que é invisível na paisagem, deixa de ser clichê, e registra o que sente, faz uso de todos os sentidos da percepção. Segundo Peixoto (1996):

Os clichês nos permitem apreender apenas o que nos interessa das coisas. Ver cada vez menos. Mas um outro tipo de imagem é possível: que faça surgir a coisa em si mesma, no seu excesso de horror e beleza. (PEIXOTO 1996, p.32)

Bavcar⁸ faz isso em seus registros fotográficos, através de seus sentidos ele enxerga a verdadeira imagem, aquela que está invisível na paisagem por meio do olhar clichê do observador. Essas imagens são ótimos exemplos de um olhar perceptivo, olhar estrangeiro, olhar cego, percepto.

⁸ Evgen Bavcar, fotógrafo de origem eslovena. Ficou cego aos doze anos de idade após sofrer dois acidentes. Começou a fotografar aos dezesseis anos, Para a execução das suas fotos, conta com a ajuda de sua irmã e com técnicas desenvolvidas ao longo dos anos. Entre algumas características do seu trabalho, destaca-se a composição da luz em contraste com ambientes totalmente escuros.



*Imagem 7: Imagem
quebrada / Evgen Bacvar*



*Imagem 8: Notre Dame /
Evgen Bacvar*



Imagem 9: OVNI



Imagem 10: Dualidade



Imagem 11: OVNI 2



Imagem 12: Igreja

A percepção por meio desse olhar foi se perdendo, como consequência das representações por meio de simulacros do cotidiano, que condicionam o observador a um comodismo perceptivo, onde nada é novo, portanto não instiga o mesmo a enxergar o que está invisível na paisagem, levando-o ao estado de transe citado anteriormente.

Considerações finais

Foi possível entender, por meio deste estudo, que a cidade e o outro tornaram-se invisíveis aos olhos do observador porque o mesmo deixou de exercer seu olhar perceptivo, por estar acomodado ao olhar simbólico que faz juízo das coisas. E como as definições de olhar passivo e olhar ativo tratadas pelos gregos antigos se inverteram nos dias atuais. O olhar passivo, aquele que bastava abrir os olhos para conhecer o mundo, hoje tornou-se o olhar ativo, que percebe não só através dos olhos, mas de todos os sentidos, vê o que se tornou invisível, é o percepto. Por outro lado, o olhar ativo que faz juízo do que vê, tornou-se o olhar passivo, pois tudo é conhecido então não instiga curiosidade ao observador, apenas automatiza seu olhar, esse é o juízo perceptivo.

A arquitetura possui grande parcela de culpa para esse acontecimento, pois transformou a paisagem da cidade em clichê, quando parou produzir uma nova arquitetura e passou a reproduzir simulacros. Em um mundo capitalista como o atual, os arquitetos optam pela segurança de reproduzir uma arquitetura já conhecida, que seus clientes já estão habituados a usar, para não correrem o risco de criarem algo novo, que possa causar o estranhamento em seus clientes.

Medo, essa é a atual condição do ser humano. Ele tem medo do desconhecido, na medida em que vai crescendo, abandona a curiosidade da criança em descobrir outros mundos, e se acomoda ao mundo em que vive, pela insegurança de sair de sua zona de conforto e ter que se adaptar a algo diferente.

A máquina de reprodução que se tornou a arquitetura, em conjunto com a indústria publicitária impregnam de símbolos a cidade, e o observador enquanto tenta imprimir sua identidade perde-se, por não conseguir mais enxergar o outro na cidade, e sem o outro o princípio de alteridade não existe, ou seja, o eu não existe.

Portanto cabe ao arquiteto pensar uma nova arquitetura, que vá de contrapartida com a arquitetura dos dias atuais, que trabalhe ao mesmo tempo percepto e juízo perceptivo do observador. Assim como a criança tem a curiosidade por um mundo que ela desconhece, a arquitetura precisa voltar a ser criança, uma arquitetura primitiva, entretanto, nada ingênua.

REFERÊNCIAS

PEIXOTO, Nelson B. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: Editora SENAC , Editora Marca D'Água, 1996.

BOSI, Alfredo. **Fenomenologia do olhar**. In: NOVAES, Adauto [et al.] O olhar. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8ª ed. rev. e ampl. Curitiba: Positivo, 2010. 295 p., 544 p., 777 p.

SANTAELLA, Lúcia. **A percepção: uma teoria semiótica**. 2ª ed., São Paulo: Experimento, 1998.

FERRARA, Lucrécia. **O olhar periférico: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental** . 2ª ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

FERRARA, Lucrécia. **A estratégia dos signos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. 2ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PEIXOTO, Nelson B. **O olhar do estrangeiro**. In: NOVAES, Adauto [et al.] O olhar. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

Photos: **O fotógrafo cego** <<http://photos.uol.com.br/materias/ver/51144>> (Acesso em 17/05/12)

Wikipdia: **Epicurismo** <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Epicurismo>> (Acesso em 22/05/12)

